

Ministério da Cultura
e Banco do Brasil
apresentam



Finca-Pé

Estórias da terra — Antonio Obá

CCBB Educativo
Lugares de culturas

Figura assentada I

2019

Acrílico e carvão sobre papel

32 x 24 cm

Terra, o chão que a gente pisa.

Terra, nosso planeta, que tem tanta água, que um dia um astronauta nos contou: é azul. Terra, o lugar da origem. Terra, nossa origem, nosso assentamento. Terra: aquilo que brota, onde tudo renasce.

Com Finca-pé, Antonio Obá percorre esses sentidos da terra. E convida você a refletir: quais são as terras onde você se plantou? Quais foram aquelas onde deixou sementes? Quais foram as que abandonou e deixou de honrar? O artista, nascido em Ceilândia, cidade-satélite de Brasília, em 1983, é um dos mais importantes nomes da jovem arte contemporânea brasileira e vem marcando a produção recente do país com um trabalho de forte carga narrativa, simbólica e arquetípica.

Obá trabalha com as heranças e as lutas da confluência afro-indígena no Brasil, mas mescla estas questões a uma abordagem muito ligada ao Centro-Oeste brasileiro: as paisagens do interior e do cerrado, as encruzilhadas de imagens e narrativas que vêm do catolicismo, marca de sua origem familiar, mas também as religiões afro-brasileiras.

Este caderno foi elaborado com o intuito de ser um companheiro na visita, e nas reflexões, à galeria. Ele pode ser lido antes de chegar à exposição, durante a visita (instigando o olhar) ou após o trajeto (colaborando em reflexões e estudos). A proposta é que este roteiro seja uma das muitas conversas possíveis de serem traçadas nesta exposição.

Boa experiência!



• Jovana O. B. A. 2015

Doma,
2015
Grafite sobre
papel metalizado
30 x 21 cm

Você já parou para pensar que uma mesma palavra pode ter muitos significados?

Neste conjunto de trabalhos, chamam a atenção duas obras com as palavras "assentamento" e "assentar". Há aí múltiplos sentidos (religiosos, arquitetônicos), que estabelecem relações com toda a trajetória de Obá e também com a multifacetada proposta desta mostra sobre as "estórias da terra". Ele se relaciona diretamente com as questões fundiárias, ligadas à posse da terra, das propriedades rurais. "Assentamento", nesse caso, identifica o lugar escolhido por um grupo de trabalhadores rurais para viver e trabalhar. A palavra também se refere às religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda, nas quais "assentamento" significa um ou mais objetos que simbolizam a presença de um orixá naquele ambiente. Um assentamento para Xangô, orixá da justiça e do fogo, pode conter o machado de duas lâminas associado à entidade, além de pedras, corais e velas vermelhas e brancas.

Os objetos ritualizam o enraizamento espiritual do orixá a casa ou no lugar de trabalho. Você reparou na representação de um filho de santo com as marcas de tinta branca, signo de sua iniciação religiosa? Quando uma mulher passa por esse processo no Candomblé, ela recebe o nome de iaô. Quando, no entanto, é um homem a "fazer a

cabeça", isso é, a cumprir os ritos para entrar na vida religiosa, ele recebe o nome de Obá.

Ao começar a exposição com esses trabalhos mais antigos, o artista parece estar falando um pouco de sua própria iniciação como artista, destacando o desenho como um processo importante dentro de seu trabalho. É através do desenho que organiza suas ideias, o fluxo de sua criação. Se, na construção de um edifício, é preciso prever os pilares de assentamento, alguém que escolhe a carreira artística também precisa apoiar seus interesses em uma viga-mestra.

No caso de Obá, o desenho é ponto de partida para as obras que ele faz em todos os tipos de suporte, da pintura à instalação, do vídeo aos objetos. O desenho, além de ser obra de arte, cumpre o papel de anotação e registro em seu trabalho; cria a base da construção.



Em iorubá, “egum” quer dizer “osso”. Para as religiões de matriz africana, os eguns são espíritos de antepassados que seguem em diálogo com as pessoas encarnadas. Em certas regiões brasileiras, em especial na Bahia, o “Culto ao egunguns” celebra os ancestrais masculinos daquela comunidade. Os ancestrais femininos, na cultura iorubá, recebem o nome de Geledés.

Sem título
2018
Giz de cera sobre papel
28 x 20,5 cm

Fábulas vistas pelo avesso

Vamos espiar e caminhar demoradamente em frente às vitrines onde estão expostos os cadernos de anotação de Obá? Se o processo de criação artística fosse um bordado, a revelação dos bastidores mostraria o seu avesso. O bastidor é uma estrutura circular, geralmente de madeira ou plástico, que prende e estica o tecido que vai ser bordado. O objeto, além de dar sustentação ao pano, permite que quem está bordando veja ao mesmo tempo a frente e o verso do trabalho.

No mundo da arte, os ateliês são o lugar dos bastidores, mas, na impossibilidade de visitar um ateliê presencialmente, os cadernos dos artistas são como ateliês portáteis, condensados. As palavras e os desenhos que alimentam o percurso do artista, registrados ali, mostram a gênese de um trabalho. No caso de Obá, chama a nossa atenção a enorme presença de animais. Um universo de fábulas e de mitologias de origens distintas (europeias, indígenas, africanas) que alimentam simbolicamente os trabalhos.

Cada imagem guarda em si a memória das histórias às quais esteve associada. Em que sentimentos e valores você pensa quando vê um coelho? E um rato? E um pássaro?



Persona
2024
Grafite sobre papel
24 x 32 cm

Relações Interditas

2015

Grafite sobre papel metalizado
30 x 21 cm

Os cadernos de artistas hoje são reconhecidos como objetos importantíssimos para todos os que pesquisam arte, escrevem sobre as obras ou simplesmente gostam de entender os processos de criação de um artista.

As pinturas e desenhos que a artista mexicana Frida Kahlo (1907-1954) registrou em seu diário alimentaram trabalhos que seriam concluídos apenas anos mais tarde e foram reunidos no livro *O diário de Frida Kahlo: um novo olhar* (José Olympio).

O artista brasileiro Luiz Zerbini, que em 2024 realizou grande panorama de sua obra aqui no CCBB do Rio de Janeiro, lançou em 2006 o livro *Rasura* (Cosac). Sem nenhum texto, a obra era uma espécie de reprodução de um caderno de processo, com a revelação das anotações, desenhos e coletas de imagens de referência para a elaboração de alguns dos mais importantes trabalhos de sua carreira.





**Sono nº3 –
Nado Sincronizado**
2015
Grafite sobre
papel metalizado
21 x 30 cm

Fluxo de desenhos

Bem pertinho das vitrines, vemos um conjunto de desenhos que mostram um pouco da forma como Antonio Obá cria: não há um planejamento prévio da composição. Ele permite que a forma vá sugerindo o que deseja ser e com o que deseja se misturar. Como você descreveria o fluxo do homen que vira mar e vira peixes em “Sono nº3 — Nado sincronizado?” Que tipo de sensação te provoca a imagem sensual do encontro entre a ave e a moça em “Lêda - alegoria sobre o frêmito”, ligada à importante passagem da mitologia grega?

Leda e o Cisne

Leda e o Cisne é uma história da mitologia grega que narra o encontro entre a rainha Leda — humana, mortal e esposa do rei Tíndaro, de Esparta — e o todo-poderoso Zeus, líder entre os deuses do Olimpo. Apaixonado por Leda, Zeus se transforma em um cisne para se aproximar dela disfarçado. Leda fica tão encantada com a beleza da ave que acaba se envolvendo com ela. O amor entre o deus e a humana gera dois ovos. Do primeiro, nascem os gêmeos Cástor e Pólux. O outro gera Helena de Troia, descrita como a mais bela das mulheres, e sua irmã Clitemnestra. Os quatro filhos de Leda e Zeus aparecem em outras importantes narrativas da Grécia Antiga.



**Lêda – alegoria
sobre o frêmito**

2015

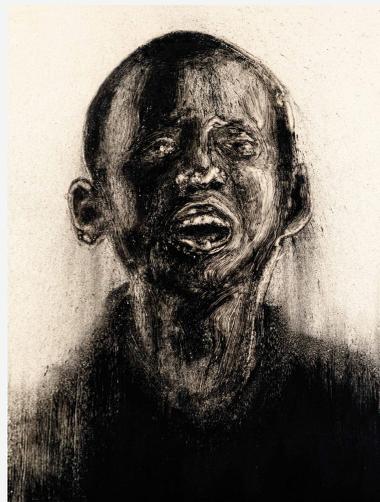
Grafite sobre
papel metalizado
21 x 30 cm

Réquiem e ressurreição

Que tipo de criança foi você? E o que você fazia quando se sentia ameaçado? Você diria que os meninos e meninas da série *Crianças de coral* estão apenas cantando? Obá criou a série com a intenção de estabelecer um diálogo com uma obra anterior. Em “*Réquiem*”, pintura de 2019, ele revisitou uma foto registrando uma festa de aniversário de sua infância. Na música clássica, um réquiem é uma missa ou outra composição criada em homenagem aos mortos, geralmente cantada por muitas vozes em coro. Compositores como Mozart, Verdi e Berlioz criaram réquiems. Na obra que dá origem às *Crianças de coral*, Obá pinta uma moldura com um retrato da menina *Agatha Félix*, assassinada em uma operação policial no Complexo do Alemão, Zona Norte do Rio de Janeiro. A presença da garota morta nessa cena de festa, onde outras crianças reunidas parecem prontas para cantar o tradicional “Parabéns pra você”, modifica o sentido de tudo. As crianças que aparecem em *Réquiem* formam um coro, mas, ao dar à obra esse título e ao inserir Agatha na cena, Obá cobre o aniversário com o luto. Por outro lado, ao trazer a imagem de Agatha para o acolhimento de outros meninos e meninas, o artista celebra sua existência e mantém viva a revolta por seu fim precoce e trágico. As 12 *Crianças de coral* retratadas pelo artista e presentes na exposição do CCBB são as mesmas, vistas por novos ângulos, que se reuniram no aniversário de “*Réquiem*”. Agora, elas voltam à cena em retratos individuais em preto e branco, exibindo expressões que podem ser de canto, mas também por sua grande dramaticidade, de raiva e revolta. Com as bocas abertas, os olhos apertados, os retratados de Obá parecem emitir gritos mudos. Ou, se quisermos pensar no sentido oposto, parecem querer romper o silêncio com suas bocas e olhares desenhados.

O material que Obá escolhe para desenhar as crianças não é um acaso: ao retratá-las com carvão, o artista alude à madeira queimada, que ganha outra forma de vida ao virar imagem sobre o papel.





Crianças de coral: nigredo/coivara

2024 – 2025

Carvão sobre tela

33 x 25 cm

Para não esquecer: o caso Ágatha

A tragédia de Ágatha Félix ocorreu em 20 de setembro de 2019, quando a menina de 8 anos foi morta durante uma operação policial na Fazendinha, uma das comunidades do Complexo do Alemão. Ágatha foi atingida por um tiro nas costas quando estava dentro de uma van que fazia serviço de transporte de passageiros. Ela estava acompanhada pela mãe e pelo padrasto, que não se feriram. O disparo foi feito por um policial militar, indiciado por homicídio, mas depois absolvido, em julgamento de 2022. O caso gerou grande indignação e repercussão, pois a operação ocorreu em uma área densamente povoada, e a morte de Ágatha se somou a uma série de outros casos de violência policial que afetam a população mais vulnerável das favelas.



A morte de crianças nesse tipo de operação tem sido muito frequente no Rio: em 2018, Rebeca de Silva Lima, de 11 anos, foi morta em um confronto em Costa Barros, Zona Norte; e Marcus Vinicius da Silva, de 14 anos, foi atingido por tiros na Maré, quando ia para a escola, uniformizado; em 2019, Álisson Oliveira dos Santos foi alvejado no Complexo da Pedreira, subúrbio da cidade. Lembrar desses casos, como faz Obá em seus trabalhos, é uma forma de não deixar cair no esquecimento o debate sobre as condições de vida da população residente em áreas periféricas das cidades.

Na segunda sala da mostra, a iluminação baixa e o grande espaço entre cada conjunto de obras nos convida a fazer silêncio ou a uma reflexão.



Caipora, caipira

Ka'a pora

2024

24 peças em bronze

182 x 550 cm

A instalação que é o coração centro da exposição *Finca-pé* recebeu o nome de Ka'apora (ou ka'ipora), que significa "ser do mato" e está na origem de duas palavras distintas: caipira, o homem que vive nos sertões, no interior, e caipora, entidade encantada das mitologias caboclas. Mais uma vez Obá joga com as bifurcações de imagens e palavras. Afinal, o que você vê no centro da sala? É um pé de quê? De gente? De planta? Obá pensava no cerrado, vegetação de seu Centro-Oeste natal, quando chegou a essas imagens em que brotos de novas mudas nascem de uma paisagem aparentemente arrasada. No cerrado, mesmo depois de a terra ser arrasada pelas queimadas, as moitas começam a florescer logo depois da primeira chuva.

Dois protetores das matas

Em algumas regiões do Brasil, a figura da caipora se confunde e se mistura com a de outro ser encantado, o curupira, que também aparece como um menino, mas cuja figura parece a de um fauno, ou seja, a de um ser meio gente, meio animal. Ele tem uma característica marcante: os pés virados para trás, de modo a confundir os que seguem suas pegadas. Tanto caipora quanto curupira atuam nas matas para confundir quem quer destruir a vegetação e os animais.

Pinturas de terra, pinturas de pedra

Três pinturas feitas em tons terrosos e com acabamento propositalmente áspero, pedregoso, fecham o percurso do segundo ambiente da mostra.

Vamos pisar um pouco mais fundo nos territórios simbólicos sugeridos em cada uma dessas obras?



Fazer a cabeça

Em “Composição adâmica para uma feitura de cabeça” (homenagem a Grace Salomé Kwami), Antonio Obá homenageia a escultora ganense Grace Salomé Kwami (1923-2006), transformando em ponto de partida para a sua pintura uma foto em que a artista aparece trabalhando em uma de suas peças, uma cabeça de barro. Grace foi uma importante ceramista e, com este tributo, Obá mostra mais uma vez as inúmeras camadas com que reveste cada trabalho seu.

A começar pelo título: ao falar de uma “composição adâmica”, o artista nos leva para a narrativa bíblica sobre Adão, o primeiro homem, criado por Deus com barro. Da costela de Adão teria saído a primeira mulher, Eva. Mas, ao evocar a imagem de Grace, Obá realiza uma poderosa inversão das escrituras: agora é uma mulher quem faz a “composição adâmica”, dando vida ao homem e não sendo gerada por ele. Outro aspecto importante está no destaque que o artista dá, em seu título, à “feitura de cabeça”, um termo que nos leva para religiões de matriz africana. “Fazer o santo” ou “fazer a cabeça” é o nome dado ao ritual de iniciação em que o “filho de santo” entrega a sua cabeça (em iorubá, “ori”) à energia que vai protegê-la, que é o orixá (a “origem” ou “fonte” da “cabeça”).

**Composição adâmica para uma feitura de cabeça
(homenagem a Grace Salomé Kwami)**

2025

Óleo sobre tela

100 x 80 cm

Menino-deus

Ao centro, o menino que faz xixi ao ar livre, sem preocupações. “*Puer Aeternus* — regar a terra”, nos traz novamente a figura da criança, que aparece muito frequentemente na obra do artista. As pinturas com infantes (meninos e meninas ainda na infância) também são um tema importante na história da arte ocidental. Um bom exemplo é a tela “As meninas” (1656), do pintor espanhol Diego Velázquez (1599-1660).

Na pintura de Antonio Obá, o infante é um ser completamente livre, um menino-deus, aludindo à expressão em latim *Puer Aeternus*, que o psicanalista Carl Gustav Jung (1865-1971) atribuiu a uma força que todos os seres humanos podem reter até a vida adulta. Essa energia juvenil, hoje chamada por alguns teóricos de “a criança interior”, foi associada por Jung ao potencial criativo. O psicanalista suíço foi um grande estudioso dos arquétipos (imagens e mitos que se repetem em várias culturas diferentes) e da simbologia do inconsciente. Na tela de Obá, a “criança eterna” rega a terra, insinuando, talvez, que é o poder criativo, com sua vitalidade, a força capaz de adubar os solos aos quais pertencemos, sejam eles territoriais ou existenciais.



Puer Aeternus
- regar a terra
2025
Óleo sobre tela
80 x 60 cm

A Esfinge. Música incidental:
"Veracruz", por Milton Nascimento
e Márcio Borges

2025

Óleo sobre tela
90 x 90 cm



Terra mulher

A terceira pintura do grupo é A esfinge, em que o artista sugere, no subtítulo, uma música incidental, isto é, uma trilha sonora para contemplar a obra. Trata-se de “Vera Cruz”, que o cantor e compositor Milton Nascimento incluiu em seu álbum Courage, de 1968. Antonio Obá põe seu próprio perfil frente a frente com o de uma mulher negra. Ela é a releitura do artista para a figura mitológica da esfinge, que, na Grécia e no Egito antigos, tinha uma aparência híbrida, com uma cabeça humana e o corpo de um grande felino. Eventualmente, era representada também com asas de águia. “Decifra-me ou te devoro” era o lema da Esfinge, imortalizado pelas narrativas gregas, ligando a criatura aos mistérios da alma humana e à ancestralidade. Ao se retratar de perfil de frente para o enigma, que agora assume a feição de uma mulher negra, Obá parece mesclar essa figura com a música sugerida aos observadores da pintura. Em “Vera Cruz”, Milton Nascimento mergulha no Brasil a partir de uma de suas primeiras nomenclaturas, um nome de mulher. Ao olhar para sua ancestral, Obá talvez tente nos lembrar de que a terra, Gaia, também feminina, teve seus começos em África, o continente-mãe.

A Grande Esfinge do Egito

Uma esfinge da Antiguidade ainda pode ser visitada hoje. No Egito, a construção foi feita em pedra e tem corpo de leão e rosto de homem, especificamente de um faraó. Ao longo dos anos, o rosto sofreu erosão e perdeu seu nariz. O grande monumento está localizado na cidade de Guizé, no mesmo sítio arqueológico das pirâmides. Os historiadores não conseguem precisar se a construção da esfinge foi realizada durante a dinastia de Quéfen, faraó que governou o Egito entre 2558 e 2532 a.C. (antes de Cristo), ou na de seu antecessor, Jedefré, que esteve no poder entre 2566

e 2558 a.C. A hipótese mais provável é que Quéfen a tenha mandado construir, na intenção de fazer dela um templo dedicado ao deus Hórus. Filho de Osíris e de Isis, figuras fundadoras da mitologia egípcia, Hórus representa o triunfo da ordem e da justiça sobre o mal, já que lutou com Set, assassino de seu pai, para vingar a morte de Osíris. O “olho de Hórus”, conhecido também como “Olho de Ra”, é um amuleto de proteção, cura e restauração da harmonia. Representado com uma cabeça de falcão e tido como guardião da segurança dos faraós, Hórus está ligado à energia do sol nascente e representa a renovação diária pela qual podemos passar no ciclo da vida.



Encantado

2024

Vídeo em resolução 3.2K, áudio espacial 5.1, 48KHz, 24-bit, Duração: 17'02"

Roteiro: Antonio Obá / Bruna Carolli

Direção: Bruna Carolli

Travessias com as imagens

No vídeo *Encantado*, Obá se caracteriza como um peregrino e realiza inúmeras travessias. A que ele próprio faz, caminhando e se perdendo no labirinto do cerrado, e as das imagens que ele maneja neste trabalho. Você já consultou o tarô? O artista cita a carta de número 9, o Eremita, que busca a iluminação trilhando um caminho de solidão com seu cajado. Aliás, você reparou no cajado que Obá carrega no vídeo? Ele é uma cruz, mas também traz uma grade muito típica do Brasil, com os adornos em curva que aludem ao Sankofa, pássaro das mitologias africanas que voa para o futuro sem jamais deixar de olhar para o passado. Na medida em que o peregrino avança, ele se despe de suas roupas, em vez de buscar mais proteção. O que você pensa sobre isso?

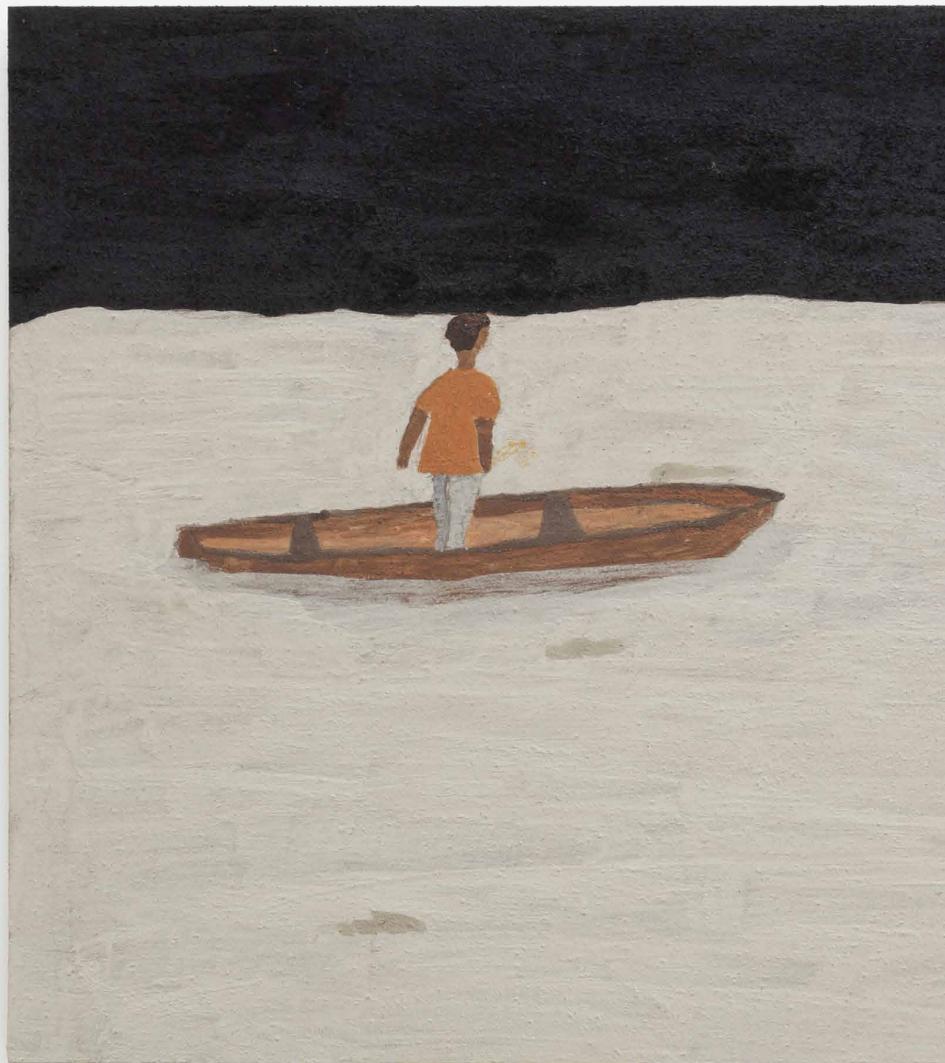
O Eremita

A figura do peregrino, que caminha solitário com seu cajado, está ligada a momentos de introspecção e a uma busca de reflexão e aprimoramento. Assim como Obá em seu vídeo, o Eremita caminha para descobrir algo ou simplesmente descobrir-se. Em *Encantado*, o artista assinala ainda este autodescobrimento com a retirada gradual de suas peças de roupas.

O Eremita já foi citado inúmeras vezes pela história da arte e da cultura. Uma das mais famosas citações foi feita pelo grupo musical Led Zeppelin. A banda britânica lançou um álbum sem título em 1971, hoje conhecido como *Led Zeppelin IV*, e o guitarrista Jimmy Page, que assinou a produção da obra, optou por fazer a capa sem nenhuma palavra, apenas com uma imagem: o Eremita.

Um artista em diálogo

O pintor Marcos Siqueira participa de Finca-pé a convite de Antonio Obá, que abre espaço para uma conversa entre sua produção e aquele artista. Uma paisagem de sertão ou de sonho? Siqueira pinta habitantes, a flora e a fauna da região da Serra do Cipó, em Minas Gerais. A paleta construída por ele nas telas — amarelos, marrons, azuis, verdes, cinzas, pretos e prateados — foi extraída de pigmentos naturais de rochas e da própria terra da região. Um traço marcante dos trabalhos é a forma como o artista divide a tela em dois ou mais planos/partes horizontais, criando a partir disso uma espécie de horizonte. É essa linha imaginária, que nas pinturas de Siqueira é formada pelos dois planos de cor, que define, o chão, a terra. Já o plano superior pode tanto ser o céu, diurno ou noturno, como um espaço vazio, simbólico como um sonho.



Sem título

Marcos Siqueira

2021

Pigmento
sobre madeira
50 x 50 cm



Sem título

Marcos Siqueira

2022

Pigmento
sobre madeira
50 x 50 cm



Equipe CCBB Educativo- Lugares de Culturas

CCBB Rio de Janeiro, térreo
Exposição Antonio Obá - Finca pé: histórias da terra, abril de 2025

CCBB Educativo

Lugares de Culturas

Sapoti Projetos Culturais

COORDENAÇÃO GERAL

Daniela Chindler

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Aldene Rocha e Alexandre Diniz

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Flavia Rocha e Nathalia Pereira

ASSISTENTE DE MÍDIAS SOCIAIS

Amanda Mello

ASSISTENTES DE PRODUÇÃO

Aleph Archanjo e Jade Bastos

ESTAGIÁRIO DE PRODUÇÃO

Gabriel Rodrigues, Marina Chindler e Vitória Alves

EDUCADORES

Ana Catharina Braga, Davi Vasconcelos, Maria Antônia Ibrahim, Raphael Rodrigues, Ruana Carla Andrade, Valentina Carcano e Vítor Quintanilha

ESTAGIÁRIOS

Alex Martins, Ana Carla Rodrigues, Beatriz Monção, Caio Vinicius Couto, Emiliano Fischer, Gabriela Schiavo, Gabriele Soares, Hiata Bruno, Itamar Goldwaser, João Pedro Rocha, Marcos Huan, Mariane Chamarelli, Marianna Bilotta, Mateo Tokun, Melina Ciribelli, Nalú Figueiredo, Philipe Baldissara e Thales Cruz

COORDENAÇÃO DE PRESTAÇÃO DE CONTAS

Moulin Projetos e Cultura - Isabella Moulin

APOIO ADMINISTRATIVO

Matheus Mello

FINANCEIRO

Hugo Nascimento

Finca-Pé - Estórias da Terra

PATROCÍNIO

Banco do Brasil

REALIZAÇÃO

Ministério da Cultura
Centro Cultural Banco do Brasil

CURADORIA

Fabiana Lopes

COORDENAÇÃO

Léia Lemos- Magnólia Produtos e Artefatos Culturais

DIREÇÃO DE CONTEÚDO

Rafaella Tamm

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Karen Ituarte

CRÉDITOS DAS IMAGENS:

Cortesia do artista e Mendes Wood DM, São Paulo, Bruxelas, Paris, Nova York. Copyright do artista. Foto por Bruno Leão - EstúdioEmObra - Diego Bresani - Lino Valente

Caderno Educativo

PESQUISA E REDAÇÃO

Daniela Name

EDIÇÃO

Daniela Chindler

DESIGN

Giovanna Cima

REVISÃO

Sol Mendonça

EDITORAÇÃO

Gargano Planejamento Editorial

CCBB Rio de Janeiro

Rua Primeiro de Março, 66 Centro, Rio de Janeiro - RJ

Informações: (21) 3808 2020 | ccbbrio@bb.com.br

Horário de funcionamento: Quarta a segunda: 9h às 20h Terça: Fechado

Entrada gratuita

Agendamento de grupos:

agendamento.rj@programaccbbeducativo.com.br

f /ccbb.rj **@** /@ccbb_rj

X /ccbbrij **J** /@ccbbcultura

Central de Atendimento BB: 4004-0001 ou 0800-729-0001

SAC: 0800-729-0722

Deficiente Auditivo ou de Fala: 0800-729-0088

www.bb.com.br/cultura



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais

Exposição

Educativo

Patrocínio

Realização



Magnólia
PRODUTOS CULTURAIS



Centro Cultural Banco do Brasil

MINISTÉRIO DA
CULTURA

